

TRADUÇÃO

HAUSHOFER, Karl August. Apologia da Geopolítica. In: JACOBSEN, Hans-Adolf. **Karl Haushofer: Leben und Werk.** Tese da Universidade de Bonn, vol. I e II (660p., 615p.), Harald Boldt, Bopard am Rhein, 1979.¹

Altiva Barbosa da Silva²

“À luz da revisão das conversas do dia 5/10/1945

1º) AD PERSONE:

Mesmo não sendo o autor original do termo técnico Geopolítica, estou sendo considerado, e com toda razão, como o representante principal da sua versão alemã. Início esta tentativa de apresentação objetiva questionando-me se esta deve ser feita na terceira ou na primeira pessoa.

A primeira possibilidade traria a vantagem da maior objetividade, mas pareceria necessariamente artificial; é melhor no entanto aceitar uma presunção aparente e falar na primeira pessoa.

2º) Diante do círculo de interrogadores jovens, fortes e bem equipados com material escrito, na ocasião do Interrogatório em Nürenberg, encontrava-se uma pessoa reduzida na sua força física e intelectual, pela idade avançada e pelo longo tempo de sofrimento, e quase sem nenhum documento escrito.

Ainda que esta apresentação possa servir como resumo da impressão daquele pronunciamento, obviamente, não há nenhuma pretensão de ser completa.

3º) AD REM.

¹ O documento trata-se de uma carta encontrada no arquivo particular de Karl Haushofer, confiscado após a guerra.

² Doutorado em Geografia Humana pela Universidade de São Paulo, em 2007. Professora associada IV, na Universidade Federal de Roraima/UFRR.

A gênese da Geopolítica alemã é ao mesmo tempo sua apologia; pois ela, criada em 1919 como disciplina universitária pública, foi um parto prematuro.

Isto é válido principalmente para três das temáticas a partir das quais agrupam-se, segundo o método americano, os pressupostos mais essenciais da Geopolítica alemã: Espaço vital, fronteiras, e a oposição entre Geopolítica oceânica e Geopolítica continental.

Uma doutrina criada em tempos difíceis em seu próprio país, deve ter traços e deficiências da sua época, do contexto de surgimento e de sua própria entrada tardia na carreira científica - ainda que seu proponente tenha as maiores preocupações de trabalhar com rigor e legitimidade científica - já que este não é nenhum robô científico, mas um ser humano vivo e sensível, de carne e osso.

Seria uma reivindicação desumana e impossível exigir que um cientista alemão, ignorasse naquele momento a deficiência da distribuição do espaço vital na Europa Central (*Mitteleuropa*) - (como consequência da crescente industrialização e crescimento das cidades) - e o desmembramento das fronteiras que se tornou insuportável ao longo do tempo, e por isso, geopoliticamente, injustificável. (Assim surgiu entre outros meu livro: Grenzen).

4º) A ampliação da visão do mundo - (em continentes!) - e o conhecimento das condições de vida de outros povos, principalmente os povos oceânicos, parecia o que mais faltava ao ensino da juventude alemã no pós guerra. Amputada do sopro vivificador do mar, roubada das suas relações ultramarinhas, reduzida diante de conflitos mesquinhos, a uma fragmentação partidária de 36 partidos e numerosas uniões, encontrava-se a Alemanha com os sentimentos reprimidos (*narrowminded*); presa ao seu estreitamento continental e à sua visão do mundo.

O conhecimento das grandes formas de vida (*Lebensformen*), essencialmente determinadas pelo mar, como o Império Britânico, os EUA, o Japão, e o Império Colonial Holandês era ainda mais deficiente do que o conhecimento do oriente, da Eurásia e da União Soviética.

Por isso pareceu à Geopolítica alemã, tão necessário preocupar-se com o conhecimento dos impérios oceânicos, criando deste modo um contra-peso em relação aos problemas internos da época de 1919-33. Lamentavelmente, sob pressão de lutas partidárias internas, os conhecimentos do exterior tornaram-se mais tarde obscurecidos.

Para este objetivo contribuiu também a Faculdade de Ciências do Exterior, da Universidade de Berlin, com apenas um Instituto em toda a Alemanha, dedicado à Geografia Política e à Geopolítica, e dirigido por meu filho, professor Albrecht Haushofer.

AD 4º) Um Instituto de Geopolítica em Munique nunca existiu. A Biblioteca pessoal, infelizmente, parcialmente "roubada" pelos representantes norte-americanos (oficiais: Morgenstern e Kaufmann) era de minha propriedade privada, adquirida a duras penas; não recebi nenhum financiamento ou salário da Universidade, já que recebia aposentadoria militar como "inválido de guerra".

Eram grandes as dificuldades financeiras iniciais da Geopolítica alemã, que não recebeu, de forma alguma, apoio estatal.

5º) Nenhuma pessoa de qualquer outra nação que pense e sinta de forma normal, poderia negar a um erudito alemão - com seus conhecimentos adquiridos, legítima e honestamente, após formação tão penosa - o direito de apoiar com toda a objetividade a luta do seu povo pela existência como o foi a de 1919/1932.

Mesmo nunca tendo adotado em toda a sua plenitude o lema *right or Wrong, my Country*, preciso admitir que em tais épocas de alta tensão apagaram-se facilmente os limites entre ciência pura e aplicada, e preciso admitir ainda, que também eu, em alguns momentos teria extrapolado, o que já confessei abertamente e lamentei frente aos meus interrogadores. Como foi reconhecido, a partir de 1933, somente poderia efetuar as minhas manifestações orais e escritas sob múltipla censura, e sempre sob pressão.

6º) Se os interrogadores reconheceram que - comparada com a legítima Geopolítica norte-americana - a Geopolítica alemã elaborou apenas 60 a 70% de seu saber, o que pode ser constatado de modo geral. Precisa-se ainda estabelecer uma diferença clara entre a produção antes e após 1933.

Poderia apresentar inúmeras preleções realizadas entre 1919-33 que correspondem nas suas estruturas ao esquema II da "Methodology" do *Course on Geopolitics* da *School of foreign Service* da Universidade de Georgetown de 1.7.1944 - se todo o meu local de trabalho não tivesse sido saqueado e sequestrado, no início de maio, por uma comissão liderada pelo oficial Morgenstern e pelo Sr. Kaufmann dos EUA - (todavia prometendo a sua devolução) - dentre estes materiais encontrava-se o roteiro de todas minhas preleções.

7º) O que foi escrito e publicado após 1933 o foi sob coação e deve ser avaliado nesse contexto. A forma como isto se efetivou (sem a participação de Rudolf Hess, que apenas tentava nos proteger) pode ser comprovada pelos quase três anos de prisão, ou limitação de permanência da minha família, pela minha própria prisão no Campo de Concentração de Dachau, pelo assassinato de meu filho mais velho através da Gestapo em 23.04.1945, e pela limitação e posterior encerramento da *Zeitschrift für Geopolitik*.

8) No IIIº Reich o partido dominante não possuiu nenhuma instituição oficial para a recepção ou para o esclarecimento das doutrinas geopolíticas, assim foram tomados apenas chavões mal compreendidos pelos próprios dirigentes. Apenas Rudolf Hess que fora meu aluno antes da existência do NSDAP, e o ministro de Relações Exteriores von Neurath, possuíam uma certa compreensão para a Geopolítica, sem no entanto, poderem se impor com estas ideias.

Por outro lado, a visão geopolítica era comum entre os estadistas e os representantes da ciência política no período de 1922-33. Posso citar dentre os ministros alemães de relações exteriores: Stressmann e o embaixador Schullenburg; dentre os austríacos: o chanceler Seipel e o ministro da cultura von Srbik; na Hungria o conde Paul Teleki e Gömböss; em Praga o presidente Masaryk; alguns russos conhecidos; romenos; franceses como Ancel, Briand, Demangeon, Montandon; italianos como Gabetti, Tucci, Massi, Roletto; bem como as boas relações com os círculos pan-europeus do conde Coudenhove-Kalergi, por suas palestras em Brühn, Olmütz, Praga e Viena.

9º) Estes acontecimentos no desenvolvimento da Geopolítica legítima - já amplamente expostos aos interrogadores do Terceiro Exército em 14 a 18 de

junho, e ao Quartel General de Eisenhower em 24 de agosto até 2/09, e à equipe de justiça Jackson em 2 a 10 de outubro - ilustram-se melhor através da relação com minhas teorias sobre a Geopolítica científica oceânica e continental, até 1933, quando a partir daí seu crescimento foi sufocado.

Estas teorias originalmente incentivadas por Friedrich Ratzel (A Terra e sua vida; Geografia Política e Antropogeografia) e seus seguidores, nos EUA (Semple), e na Suécia (Rudolf Kjellén), foram formadas muito mais à partir das fontes de países de língua inglesa do que dos países continentais, e somente segundo o princípio trazido para a Alemanha: "*Let us educate our masters*".

Os meus incentivadores principais e sempre citados foram: Mahan, Brooks Adams, Joe Chamberlain (conversamos pessoalmente em 1899 sobre a desejável união do Império Britânico - EUA - Japão - Alemanha), Sir Thomas Holdich (criador de fronteiras), Sir Halford Mackinder ("The geographical pivot of history"), Lord Kitchner (1909); e mais tarde J. Bowman (The New World entre outros). Absurdamente mal-compreendida no IIIº Reich foi a advertência em relação à indefinição entre política oceânica e continental, que já se mostrou trágica para Wilhelm II; mais ainda a comparação do conde chanceler Ito da tróica Rússia em relação à Europa cultural, Ásia Oriental cultural e Eurásia. A expansão para o Oriente entre 1939 e 1941 foi um pecado mortal.

10º) Nem minhas palestras, nem meus escritos favoreceram planos de ocupação imperialista. Todavia, protestei, tanto no livro sobre as fronteiras, quanto nas minhas palestras públicas, contra a mutilação da Alemanha pelo Contrato de Versalhes, e defendi os alemães no Sul do Tiröl, fui favorável à reintegração dos territórios dos Sudetos alemães, mas nunca me manifestei a favor de anexações de territórios estrangeiros não colonizados por alemães.

Sonhos de tais anexações sempre considerei como perigosos e os rejeitei.

O fato de milhares de colonos alemães do oriente à Alemanha terem sido reintegrados durante minha direção na VDA³, com muitos gastos e muitos esforços, comprova muito bem, que pelo menos àquela época, não se pensou

³ Deutsche Akademie. Para uma visão mais abrangente da atuação desse órgão, vide: JACOBSEN, (1979), op. cit., vol II. (nota da tradução).

em uma ocupação destes territórios, e nem se conheceu o desejo desta ocupação. Se o nacional-socialismo, dependesse da ocupação de territórios de povos de sangue estrangeiro na forma como estas ideias se manifestaram durante os primeiros anos, certamente teria desistido de si mesmo, e eu enfatizei isto em todas as oportunidades, como por exemplo, em 8/11/38, manifestando-me contra tais planos de ocupação. Eu acreditei na promessa da saturação de 1938.

O estabelecimento de fronteiras realmente justas e satisfatórias para todos, e que não violente nenhum povo, é quase impossível, devido à extrema complexidade das fronteiras linguísticas, e das formas econômicas adotadas. Tanto meu filho Albrecht, como outros de meus discípulos e colaboradores, tentaram através de longas discussões, criar condições totalmente justas e permanentes para tal estabelecimento de fronteiras. Neste sentido sempre pretendi não deixar crescer nenhum irredentismo.

Se já em relação à Europa, mantive atitude de reserva, foi por entender o quão fantasioso eram esses planos de ocupação, os quais fui acusado de ter elaborado através de mapas sugestivos que extrapolavam para outros continentes, como a América do Sul.

Estes assuntos atraíram enormemente o prazer sensacionalista da imprensa que os ampliou desenfreadamente com falsificações de mapas.

11º) Minha preferência pela Geografia Cultural do Japão resulta de uma convivência de dois anos com este país e este povo. Ela foi reforçada pelo fato de ter conhecido os mantenedores da antiga cultura - personalidades nobres e simpáticas - detentoras dos conhecimentos da história cultural e religiosa da antiga Àsia. A feição antipática do novo Japão quase não conheci.

Considerarei como uma tragédia a guerra nipo-chinesa em 1937, e fiz o que pude para evitá-la, tal qual meu filho, professor Dr. Albrecht Haushofer, que na época do início da guerra viajou para os EUA, Japão e China. Em relação à Coreia pelo contrário, tive em 1909 a impressão que esse país só tinha a escolha entre a tutela japonesa, chinesa, russa ou ultra-marinha, e que não tinha como permanecer com suas próprios forças, como também, à época, a Manchúria. Considerarei sem sentido qualquer conflito armado do ocidente

européu com as culturas do oriente: China, Japão ou Sudeste Asiático, e procurei preveni-lo incentivando um equilíbrio através de uma sábia política cultural. Por isso os livros: Política cultural alemã no espaço Indo-Pacífico, e Dai Nihon, publicados já em 1913, trazem advertências contra a superioridade racial, apontando as forças do Sudeste Asiático populoso e sua tendência de reascensão e autonomia.

Acredito também que o avô do imperador do Japão, Mutsuhito Meiji-Tenno, que conheci pessoalmente, nunca teria perdido do seu controle os ciumentos partidos e clãs japoneses como aconteceu com seu neto.

As primeiras edições da obra Geopolítica do Oceano Pacífico enfatizam exatamente sua liberdade de armamentos bélicos. Neste sentido eu, na época ainda em Honolulu, estava de acordo com os primeiros editores da *Pacific Affair*, fundadores das iniciativas do equilíbrio pan-pacífico, e também com os pesquisadores, como o australiano Griffith Taylor, que me enviou o livro: *Environment and race*, que eu honradamente resenhei.

Nada fiz para atizar fogo no Pacífico, ao contrário alertei nas minhas resenhas dos romances sobre a futura guerra (*Bayswater*), a respeito desta perigosa brincadeira com fogo, apenas porque precisava mencionar os fatos geopolíticos militares em relatórios.

12º) Quanto ao livro: *Mein Kampf*, o vi pela primeira vez quando já estava imprimido o primeiro volume, e recusei-me a fazer sua resenha, porque não tinha nenhuma relação com geopolítica. Pareceu-me, à época, um dos muitos fenômenos efêmeros de agitação. Obviamente não participei na sua produção, e acredito que qualquer comparação científica do meu estilo literário com aquele livro, proteja-me da acusação de colaboração expressa na imprensa amarela (*Gelb Literatur*). Nunca estive a sós com Hitler. A última vez que o vi estava diante de testemunhas, e isto foi no dia 8/11/38, quando tivemos inclusive um atrito. A partir deste momento caí na sua desgraça, e desde a fuga de Rudolf Hess, em maio de 1941, estive exposto à perseguição da Gestapo, que só terminou no final de abril de 1945, com o assassinato de meu filho mais velho, por causa dos comprometimentos de 20/07/1944), e suas relações com povos de língua inglesa. Minha amizade com Rudolf Hess iniciou-se no ano de 1918, através de sua participação em minhas preleções; sendo,

portanto, quatro anos mais antiga do que a criação do partido NS. Vi Hitler pela primeira vez em 1922, como um dos inúmeros tribunos populares que na época surgiam no solo popular alemão efervescente com suas diversas associações e movimentos.

Até 1938 cometi, todavia, erros semelhantes em relação às possibilidades de um desenvolvimento para o bem, como p.ex. Henderson e Chamberlain, e esperava ainda até meados de outubro por uma solução pacífica.

13º) À partir de outono de 1938 iniciou-se - como se vê particularmente pelo destino: pai na prisão e do filho morto - o caminho do sofrimento da Geopolítica alemã, dentro do contexto de sofrimento da *political science* na Europa Central em geral, que sob a pressão da ditadura de um único partido, chegou até ao abuso e aos maus entendimentos através de órgãos estatais.

Ainda em relação ao ponto 13º): entre 1919 e 1932 a Geopolítica alemã estava direcionada originalmente a objetivos muito semelhantes aos da Geopolítica americana.

No programa de seu primeiro aparecimento, encontra-se a referência de que a Geopolítica pretendia ser a "consciência geográfica do estado". Isso teria satisfeito as expectativas da Conferência de Munique de 1938. Mas no dia 8/11/38 quando retornava da Itália, consegui enfim, falar com o chefe do Estado. Tentando me impor, caí em desgraça, e nunca mais o encontrei. Até então, este portador da Geopolítica alemã pode se considerar um precursor legítimo de uma Geopolítica que não se distinguiu da americana.

14º) O objetivo da geopolítica alemã era originalmente, tal qual o da legítima geopolítica americana, evitar futuros conflitos, como por exemplo os de 1914-18, através da compreensão mútua dos povos nas suas potencialidades de desenvolvimento, a partir do solo cultural e do espaço vital; visava alcançar o máximo de justiça e autonomia política cultural para minorias, como era no caso a Estônia, e como pareceu temporariamente ser alcançada por Siebenbürgen.

Isso pressupunha uma visão do mundo geograficamente correta e de respeito mútuo às nacionalidades e às raças e o reconhecimento dos direitos

humanos da "personalidade"⁴: Minhas preleções e exercícios acadêmicos entre 1919 e 1932 estavam repletos do máximo de tolerância, do contrário não teria sido convidado pela União Pan-européia para ministrar palestras a convite do presidente do Estado, em Praga; em Brünn e Olmütz; em Viena de Seipel; pelos ministros de cultura da Hungria e da Estonia, que assistiram minhas palestras em Budapeste e Reval. Instituições culturais de Roma, Suíça, Oxford, Lisboa convidaram-me para visitas de intercâmbio, em tempos de tensões políticas; membros de todas as culturas e raças, sociedades geopolíticas em Tschungking (China), professores da Universidade de Jerusalém como Kohn, correspondiam-se permanentemente comigo.

Algumas dessas influências político-culturais provêm da geopolítica alemã, mesmo após 1933, como por exemplo Suécia, Noruega, Vaticano, China, Inglaterra (onde sou membro de honra da legião britânica), França (Ancel, Demangeon, Montandon, Haguenauer, Societé Franco-Japonaise de Paris), sem falar dos países mais próximos à política alemã como Itália, Japão, Hungria, Romênia.

15º) Do livro de meu filho, assassinado pela Gestapo, infelizmente foi editado apenas o manuscrito do volume I sobre Geografia Política e Geopolítica, poderia muito bem ter sido produzido nas oficinas intelectuais, de qualquer um dos países aliados. O livro - inicialmente escrito durante as férias na casa paterna - foi concebido em conjunto, e encontrou minha total aceitação - só não podia tê-lo escrito porque me faltaram formação e talento metodológicos; todavia talvez eu tenha sido útil enquanto incentivador.

16º) Nos memorandos que estavam à disposição dos interrogadores da equipe do general Eisenhower, e que demonstram o intercâmbio dinâmico de ideias e o contato entre professores, assistentes, e estudantes, percebe-se a criação de uma geopolítica como um dos melhores meios para evitar futuras catástrofes mundiais.

Conforme o significado de seu nome, ela poderia através da arte política, reconduzir os "sagrados da Terra" à santidade do solo fértil da humanidade, trazendo-lhes a honra merecida.

⁴ O grifo é do próprio autor.

Em função deste nobre objetivo procurei construir o caminho da Geopolítica alemã, apesar dos terremotos de 1914-19 e de 1938-45. Se houveram erros e equívocos estavam sob o sábio ditado da língua inglesa: "*All human progress resolves itself into the building of new roads*".

Assinado na minha presença, em Hartschimmelhof-Ammersee,
Bavária, 2 de novembro/1945.

Edmund A. Walsh

Dr. Karl Haushofer

NOTA DO TRADUTOR: O texto traduzido do alemão a seguir, traz à luz um importante evento para a Geografia ao se referir ao interrogatório do general geógrafo Karl August Haushofer, após a derrota da Alemanha na IIª Guerra Mundial. Esta tradução foi realizada por ocasião da dissertação de mestrado da FFLCH/USP, que defendi em 1996, sob o título: Do povo sem espaço ao espaço sem povo: análise de Revista de Geopolítica (ZfG), 1924-1945, sob a orientação do professor Heinz Dieter Heidemann.

Haushofer, e a Geografia aplicada por ele e por seu grupo de geopolíticos, durante os anos 20 a 40 do século XX, causou grande impacto e controvérsias no círculo interno e externo a Geografia. As ideias divulgadas, notadamente, através da Revista de Geopolítica (Zeitschrift für Geopolitik, 1924-1945), foram consideradas campo fértil para a expansão do nazismo, tendo como base uma perspectiva multi e transdisciplinar, modernizadora em termos estéticos, e aproximativa da realidade social daquele momento.

Coube ao general geógrafo Haushofer explicar, e tentar justificar, no Tribunal de Nürenberg, em 1945, sua prática e suas ideias ao longo das décadas de 1920 a 1940, anos em que esteve como diretor da citada revista, e como docente de Geografia. Assim, através da carta intitulada: Apologia da

Geopolítica, ele tenta esclarecer qual foi sua participação e posicionamento em relação à Geopolítica.

Completando em 2024, cem anos do aparecimento da Revista de Geopolítica, e considerando a atual guinada de ideias reacionárias e revigoração do pensamento da extrema direita em países dito democráticos⁵, faz-se necessário reler os discursos produzidos a cem anos atrás, para refletirmos sobre os erros que este discurso produziu, e como retornam com novas e velhas roupagens.

Neste sentido, a tradução desta carta pode incentivar novas leituras e reflexões que contribuam ao não recrudescimento de ideias tão perniciosas e nocivas à humanidade.

Recebido em 02.01.2024.

Publicado em 01.07.2024.

⁵ **NOTA DO EDITOR:** Um pensamento anti-imigratório começa a surgir mesmo nas fileiras da esquerda de países como Reino Unido, França e Alemanha. Disponível em <https://pt.danielpipes.org/18781/partidos-de-esquerda-anti-imigracao-da-europa> Acesso em 22 abr 2024.